

Saúde do Trabalhador: O que queremos transformar?

Claudia Osorio

[Professora aposentada e Docente permanente
do PPG Psicologia da Universidade Federal Fluminense]

Com as mudanças que se dão, desde os anos 1970, no arranjo capitalista, novos modos de controle são instalados. As formas atuais de organização do trabalho, sem abandonar as formas arcaicas de dominação e exploração, trazem novos modos de precarização do trabalho.

A noção de participação de representantes dos trabalhadores organizados principalmente em sindicatos, proposta no campo da Saúde do Trabalhador (ST), enfrenta a fragilização destes modos de representação. Na tirania de curto prazo que se instalou, as empresas propõem, como solução para o adoecimento e desgaste dos trabalhadores, tratar os trabalhadores para reduzir seu estresse, quando o que é necessário é modificar as condições de trabalho e de sua organização, que, com muita frequência, está impedindo que o trabalho se dê dentro das exigências de qualidade que as normas de ofício definem.

Este impedimento é central para o aumento do adoecimento relacionado ao trabalho, nomeado de sofrimento psíquico, estresse ou burnout, já que reduz o hetero e auto reconhecimento dos trabalhadores pelo trabalho bem feito (Clot, 2013). A intensificação do trabalho e outras ações que têm como finalidade reduzir custos e ampliar lucros, como a redução de qualidade de insumos, tendem a ter como resultado o impedimento do cuidado com a qualidade do trabalho e do produto. Observo que, ao invés de discutir as contradições da organização e condições do trabalho, o caminho proposto, nos discursos higienistas presentes nas organizações, tem sido o de socorrer os trabalhadores, com o objetivo de suprimir os sintomas, ou o estresse e seus efeitos. Tenta-se intervir; renovando e redobrando os protocolos, entre estes, os de alerta de adoecimento e indicação de terapias. De maneira geral pode-se dizer que essas práticas higienistas, de compaixão e ortopedia (Clot, 2010), viabilizam, em alguns casos ingenuamente, a precarização e a intensificação do trabalho, amortecendo seus efeitos deletérios. A fragilidade das situações de trabalho é entendida como de cunho pessoal, alimentando um controverso mercado de especialistas do cuidado para acompanhar o sofrimento dos trabalhadores e reformar seus comportamentos.

Com a vaga produtivista, hipercompetitiva, de redução de custos e maximização de lucros hoje vigente, a qualidade do trabalho fica diminuída, impedindo que o trabalhador se reconheça em um trabalho que respeite a qualidade exigida pelas regras de ofício coletivamente estabelecidas. O higienismo tem como horizonte a erradicação da doença, e não a promoção da saúde. Mas a saúde não é de modo algum sinônimo de ausência de doença. Fazendo aliança com Canguilhem, afirmamos que a principal característica do humano não é sua capacidade de adaptar-se ao meio, mas a de criar um meio para viver, sendo a saúde justamente a possibilidade de fazer isso – criar e recriar um meio para viver.

Seguindo este caminho, a busca de adaptar o homem ao trabalho não faz outro sentido senão o de ampliar as formas de dominação e adoecimento. No campo da ST, o conceito de saúde é tomado por diferentes linhas, não é único. O conceito, bem conhecido, da OMS [Organização Mundial de Saúde], não é o mesmo formulado por Canguilhem. Considero útil colocar em debate o conceito de saúde e os objetivos das intervenções em ST e segurança no trabalho, alimentando uma controvérsia que pode nos proporcionar uma ampliação de nosso poder de agir. O enfrentamento das controvérsias abre possibilidades interessantes para pensar os rumos que um campo de pesquisa está seguindo. A busca pela saúde como bem comum dá potência ao conjunto de referências teóricas adotadas nos trabalhos desenvolvidos nas clínicas do trabalho (Bendassolli e Soboll, 2011). Na clínica da atividade, com a forte interferência das leituras de Bakhtine (Clot e Faïta, 2016) no modo de pensar os diálogos no trabalho, afirma-se a potência da controvérsia profissional como instrumento para a ampliação dos recursos para a ação. Essa valorização da controvérsia como fonte de constituição de coletivos e instrumento de desenvolvimento do pensamento vale para os estudos e intervenções em psicologia do trabalho e certamente, também, para o campo transdisciplinar da saúde do trabalhador. Ao perspectivar as intervenções e pesquisas que têm ocorrido tanto no campo da ST quanto na clínica da atividade nos últimos anos, nos vemos confrontados com as potencialidades e os limites de nossa atuação frente aos novos cenários de trabalho que vêm se delineando.

De todo modo, o que ainda parece ser um importante princípio ético é a busca pela saúde, não aquela idealizada por um especialista que emite seu parecer e prescreve normas, mas como uma construção coletiva sempre aberta à rediscussão e reconfiguração.

Desse modo, espera-se que as transformações situadas, as experiências locais, possam servir de recurso para transformações sociais mais amplas, resvalando seja na organização do trabalho, seja nas próprias políticas públicas.

.....

Assim, espera-se também afastarmos a tentação higienista que ronda o campo, convertendo em adestramento sanitário o conflito sobre a qualidade do trabalho. Transformar como ampliar o poder de agir é um transformar a partir de uma perspectiva clínica na qual o horizonte não está dado de antemão → trabalhar com essa incerteza nos lança para fora de uma perspectiva higienista que traz soluções prontas ou mira um horizonte desejado.

■ ■ ■

Referências

- Bendassolli PF, Soboll LA. Introdução às clínicas do trabalho: aportes teóricos, pressupostos e aplicações. In *Clínicas do Trabalho* (p.14-30). Belo Horizonte: Artesã, 2021.
- Canguilhem G. A saúde: conceito vulgar e questão filosófica. ____ (Ed.) *Escritos sobre a medicina*. (p.35-48). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- Clot Y, Faïta D. *Gênero e estilo em análise no trabalho: Conceitos e Métodos. Trabalho & Educação*, 25(2), 33-60. 2016.
- Clot Y. O ofício como operador de saúde. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 16(spe1), 1-11. 2013.
- Clot Y. *Au-delà de l'hygiénisme: l'activité délibérée* *Nouvelle Revue de Psychosociologie*, 2(10), 41-50. (2010)

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.